



Xenofobia contra muçulmanos/islamofobia no Brasil: causas e consequências
Xenophobia against Muslims/Islamophobia in Brazil: causes and consequences

Isabel Geraldi Barros
Colégio Giordano Bruno - CGB - São Paulo - SP - Brasil
isabel.barros@giordanobruno.com.br

Fernanda Maiellaro da Silva Lima
Colégio Giordano Bruno - CGB - São Paulo - SP - Brasil
fernanda.maiellaro@giordanobruno.com.br

Luiza Tófolo Pedrotti
Colégio Giordano Bruno - CGB - São Paulo - SP - Brasil
luiza.pedrotti@giordanobruno.com.br

Orientadora: Joyce da Rocha Pita

São Paulo - SP
2023

Resumo:

O nosso trabalho da Feira de Ciências trata sobre a Xenofobia que os muçulmanos vêm sofrendo ao longo do tempo. De acordo com o dicionário Dicio, a xenofobia é o receio, rejeição ou medo que se direciona a alguém ou a alguma coisa que não faz parte do lugar onde a pessoa mora, isto é, o preconceito a estrangeiros, sua cultura, língua e nacionalidade. Esta é expressa por meio dos mais diversos tipos de agressão, como as físicas, verbais e sexuais, além de outras maneiras de atacar de forma, por vezes, silenciosa. Islamofobia é uma forma de preconceito em nosso mundo, aversão e ódio praticados contra pessoas que seguem a religião do islamismo ou que tem alguma ligação com o Islã.

Nosso projeto tem o objetivo de compreender as diferentes causas da xenofobia e islamofobia no Brasil, bem como entender como e por que esse preconceito se dá em nosso país, considerado laico pela Lei 7.716, de 1989 e, portanto, o respeito e tolerância religiosa dadas como obrigatórias em todo o território nacional. Também pretendemos estudar as consequências que os atos de intolerância religiosa geram para o povo islâmico e muçulmano, e como afetam o cotidiano e a vida social e profissional dos praticantes da religião discriminada.

Palavras-chave: xenofobia; muçulmanos; islamofobia

Abstract:

Our science fair work deals with the xenophobia that muslims have been suffering throughout the time. According to the dictionary Dicio, xenophobia is the apprehension, rejection or fear towards somebody or something that isn't from the same origin as the xenophobe, that is, the prejudice to foreigners, their culture, language and nationality. That is expressed through the most diverse types of aggression, as physical, verbal and sexual, even through other ways of attacking, by times, silent. Islamophobia is a form of prejudice around the world, aversion and hate against people who follow the islamic religion or who have any regard to Islam.

Our project has the focus on understanding xenophobia causes, as well as how and why this prejudice arises in our country, considered secular through brazilian Law 7.716, from 1989 and, therefore, the religious respect and tolerance arise as obligatory in all national territory. In addition, we intend to study about the consequences that religious intolerance actions cause to islamic and muslim people, and how it affects the daily and social and professional lives due to this discriminated religion.

Key-words: xenophobia; muslim; islamophobia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
1.1 Justificativa.....	5
2. PERGUNTA NORTEADORA.....	5
3. HIPÓTESE.....	5
4. METODOLOGIA.....	5
4.1 Entrevistas sobre a Islamofobia no Brasil e no mundo afora.....	6
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
6. RESULTADOS.....	17
7. CONCLUSÃO.....	17
8. DISCUSSÃO FINAL.....	18
9. BIBLIOGRAFIA.....	18

1. Introdução

Atualmente, no Brasil, na América do Sul e no mundo, a religião mais praticada do mundo é o cristianismo, mais especificamente em vertentes católicas. Esta religião exerceu e exerce forte influência sobre tudo e todos; um exemplo é o calendário mais utilizado, que atualmente data do ano de 2023 d.C, já que esta data revela a chegada de Jesus de Nazaré à cidade de Jerusalém, enquanto em outras religiões como o Judaísmo, estamos no ano de 5783, data determinada a partir do considerado início da raça humana, com o nascimento de Adão e Eva. Outra consequência é a imposição da religião sobre outros povos de diferentes culturas, como o xeno-racismo ocorrido no Brasil através da escravidão de africanos trazidos em navios negreiros, indígenas e mestiços, considerados inferiores por conta de suas práticas religiosas, sua forma, considerada pelos europeus, como “simples e rudimentar” de viver, e sua pacificidade entre e dentro das tribos, levando também à ausência de meios de defesa com a chegada avassaladora do povo estrangeiro. Em nosso país, o que conhecemos como “história do Brasil” se estruturou sobre arquétipos xenofóbicos e racistas exercidos a força pelos portugueses, estando enraizado desde então, crescendo de forma sorrateira, mas por vezes notória, e mais rapidamente conforme o passar do tempo.

Outra religião que vem sofrendo a xenofobia a algum tempo é o islamismo, surgida no século VII por meio de pregações de Muhammad (conhecido em português como Maomé), o grande profeta dessa religião. Atualmente, essa crença é a segunda maior do mundo depois do cristianismo, possuindo cerca de 1,8 bilhão de fiéis, sendo a maioria deles localizado no continente asiático e africano. O fiel seguidor do islamismo é conhecido como muçulmano(a). O islamismo, assim como o judaísmo e o cristianismo, são monoteístas, ou seja, os muçulmanos acreditam em um só Deus, conhecido como Allah, “Deus” na língua árabe. Os muçulmanos creem na onipotência e onisciência desse Deus, além de acreditarem que ele é o criador do universo. Esses fiéis referem-se constantemente a Allah como “o Clemente, o Misericordioso”. Essa menção é encontrada em quase todo Alcorão (livro sagrado dos muçulmanos).

De acordo com o desenvolvimento tecnológico mundial, através das Revoluções Industriais e da euro-centralização em meio ao processo, o tráfego internacional e intercontinental passa a se tornar mais fácil, seguro e rápido, sendo usado tanto para fins comerciais, trabalhistas ou turísticos. Em meio a guerras mais recentes, como as disputas entre EUA e Irã ou a Guerra da Ucrânia, e com

o transporte facilitado de pessoas ao redor do globo, os habitantes nativos de países disputados territorialmente evacuam para países adjacentes ou para nações intercontinentais que estejam contra os ataques (na maioria das vezes, isso é decidido ou com base nas condições econômicas da família ou da localização de suas moradias em relação às fronteiras), de forma a garantirem sua sobrevivência em um local estrangeiro enquanto a guerra não cessa/termina. Com isso, pessoas de diversos países, com diferentes línguas maternas, diferentes visões de mundo, culturas e religiões passam a conviver juntas, se adaptando com o novo contexto em que se encontram na forma como podem, seja aprendendo a nova língua nacional, estudando em escolas “monolíngues” (apenas uma língua é praticada nas matérias cotidianas) ou até mesmo buscando por uma oportunidade de emprego, mesmo que temporário, para garantir o sustento próprio e de seus possíveis descendentes.

Apesar dos centros de acolhimento montados diante a situação como forma de atender os refugiados, o investimento governamental não costuma ser suficiente para abrigar a todos, já criando divergências socioeconômicas entre nativos e estrangeiros em um mesmo país; além disso, os segundos ainda sofrem xenofobia no país através de “piadas de mal gosto” de ignorantes em relação às vestimentas, a religião, a língua e ao local de origem. E ninguém garante que este preconceito será vencido também perante ao juiz, ainda mais em um tribunal que não apresente tradutores entre a língua de origem do imigrante e a língua nacional, dificultando ainda mais para as vítimas destes ataques e facilitando para os xenófobos. Além disso, em 1948 foi instituída a lei dos Direitos Humanos, mas a inclusão do povo muçulmano através da Declaração dos Direitos do Homem do Islã, também conhecida como Declaração do Cairo, só ocorreu na década de 90, mostrando a retirada de direitos humanos para o povo islâmico por mais de quatro décadas pela ONU, deixando implícito o preconceito por parte da própria organização em relação ao povo.

Infelizmente, assim como em todo o planeta, o Brasil também abriga praticantes da xenofobia e do antissemitismo. O primeiro termo se refere a discriminação a partir da nacionalidade ou de aspectos culturais carregados por indivíduos; o segundo faz referência a discriminação a um indivíduo ou a um grupo por conta de suas crenças ou práticas religiosas. De acordo com o Fambras (Federação das Associações Muçulmanas do Brasil), há entre 800 mil e 1,2 milhão de indivíduos muçulmanos, sendo 100 mil convertidos para a religião, sem descendência islâmica. Uma pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (USP) pelo Grupo de Antropologia de Contextos Islâmicos (Gracias) realizada entre os meses de fevereiro e maio de 2021, a qual contou com o apoio de mais de 600 muçulmanos revelou que as vestimentas vestidas pelas muçulmanas (hijab para cobrir o cabelo, e todo o resto do corpo coberto do pescoço aos pés), sendo que 68% já sofreram ataques islamofóbicos, bem como agressões físicas, sexualização, perda de oportunidades de emprego e desenvolvimento de transtornos psicológicos como resultado de uma sociedade mente-fechada e, acima de tudo, preconceituosa e ignorante.

Muitas vezes sutil e implícita, os estereótipos provindos de ignorantes desde o 11 de setembro, intensificados após a tomada de poder do Talibã sobre o Afeganistão, incluem frases como “eu gosto do que vocês homens-bomba fazem, tem que fazer mesmo”, demonstrando micro-ataques sofridos de forma constante por muçulmanos. Outros resultados incluem dificuldades familiares e entre amigos após a conversão à religião, sendo as mulheres o principal alvo, enquanto mais da metade dos entrevistados relatam terem sofrido agressões verbais na rua, e em média 40% dos entrevistados já sofreram também em ambiente de trabalho ou de estudos. Dentre relatos, referências a “homens-bomba” e “terroristas” são as mais comuns, bem como comentários do tipo “porque sua gente gosta de matar”, “porque sua religião incentiva o terrorismo”, “enquanto você reza eu trabalho”, e algumas que, além de islamofóbicas, também são machistas, como “sua esposa não se converteu porque é difícil para mulheres né”, ou “seu Deus não gosta de mulheres né”. Para

piorar, 94,5% dos homens e 96,7% das mulheres que são alvo de ataques islamofóbicos não fazem Boletim de Ocorrência e nem procuram outros meios legais de defesa contra os repetitivos insultos cotidianos, e os pesquisadores já levantaram a hipótese de que “Será que no Brasil as queixas das pessoas muçulmanas seriam legitimadas por nossas instituições de saúde e de justiça?”. Por fim, Francirosy Barbosa, idealizadora do projeto, afirma que o estudo tem como finalidade “Desconstruir essa ideia de associar o islã ao terrorismo, desconstruir essa ideia de que mulheres muçulmanas utilizarem *hijab*, lenço, *niqab*, *chador*, burca, ou qualquer vestimenta, significa um sinal de opressão”.

1.1 Justificativa

Assim como o consecutivo e extenso trabalho realizado pelo Gracias e dirigido pela Francirosy Barbosa, nosso trabalho tem como objetivo compreendermos mais sobre tamanha frequência de islamofobia no Brasil, como ela se dá e porque ocorre. Vivemos em um país laico, ou seja, onde todas as crenças e religiões devem ser aceitas, e apesar de tanto o xeno-racismo como a islamofobia serem considerados infrações de leis da Constituição de 1988, bem como da atrasada Declaração de Cairo, o porquê dos preconceituosos não sofrerem as devidas consequências pelos seus atos.

2. Pergunta norteadora

Como e por que muçulmanos são afetados no cotidiano pela xenofobia enraizada em nosso país?

3. Hipótese

Como hipótese do nosso trabalho, temos a intensificação e a maior frequência da islamofobia justificada a partir do evento mundialmente conhecido do 11 de setembro (ataque às torres gêmeas, no ano de 2001), sendo os terroristas deste islâmicos e, assim, se dá a generalização deste povo como violento. Também cremos que a intolerância religiosa e xenofobia à esta população acarrete negativamente no setor social, trabalhista e da saúde mental desta.

4. Metodologia

Para a execução do nosso trabalho, escolhemos fazer uma pesquisa básica, nos baseando em artigos e notícias sobre o assunto, para depois fazermos uma pesquisa aplicada, através de entrevistas com os praticantes da religião islâmica. Com teor qualitativo, o projeto busca explicar sobre a islamofobia no Brasil, bem como entender suas causas e consequências nos praticantes da religião ou imigrantes islâmicos.

Frequentamos a Mesquita Sumayyah Bint Khayyat, um centro religioso e CEDIB (Centro de Estudos e Divulgação do Islam no Brasil) no dia 18 de agosto, com a finalidade de ampliarmos nosso repertório e compreensão da religião. Lá, após sermos bem recepcionadas pelo advogado, Imam (que significa que é um líder religioso) e divulgador do Islam Otavio Augusto Vieira dos Santos (Hamza), em seus 29 anos de idade, e apresentadas ao local e às suas regras, como a separação das sessões de reza e de palestra em duas salas por gênero feminino e masculino, com uma cortina para separá-las, como forma de preservar as mulheres, sendo que estas são obrigadas a utilizar o *hijab* nesta ocasião em específico, porém, sendo permitida e comum a comunicação entre homens e mulheres fora deste momento sagrado - bem como a escolha por parte das mulheres muçulmanas

quanto ao uso ou não de hijabs e niqabs que cubram seus cabelos -. Este ocorre cinco vezes ao dia, conhecidos como salah, sejam as rezas realizadas em mesquitas, sejam elas realizadas nas casas dos muçulmanos ou até em espaços públicos, dependendo dos horários em que são frequentados, sempre em direção à Meca, tendo cada reza um nome específico (em ordem de preces, começando pela manhã: Fjar, na alvorada, isto é, no nascer do Sol; Duhur, ao meio dia, a qual tivemos a chance de conhecer e até mesmo de participar caso nos fosse desejado; Asr, no início da tarde; Magribh, ao fim da tarde, ou seja, ao pôr-do-sol; Isha, no período da noite) e a purificação se fazendo necessária - de extrema importância - e feita através do banho de determinadas partes como a cabeça (sendo possível esta ser realizada através do lenço que cobre a cabeça de mulheres, já que o que mais importa é a visualização e crença no e do processo), e os pés, sendo esta sempre necessária após as idas aos banheiros e flatulências, de forma prévia às orações (como o sangue menstrual também é considerado uma impureza, as mulheres que estão passando pelo período menstrual não precisam nem devem cumprir as rezas - salah -, também por conta dos movimentos feitos durante a reza que poderiam piorar alguns sintomas da menstruação, como as cólicas menstruais que se dão na região uterina). Algumas expressões como haram e halal, que respectivamente significam pecado islâmico e ações permitidas no Islam, também nos foram apresentadas, como forma de entendermos os comportamentos adequados aos muçulmanos de acordo com Allah, o deus maior da religião, e com os profetas, como Muhammad, sendo este um dos principais citados (que as bênçãos de Allah sejam direcionadas à ele), bem como a também crença dos muçulmanos e louvores a Jesus e o respeito por parte dos praticantes a todas as religiões, inclusive, a mesquita estando localizada em frente a um centro de religião cristã/católica, felizmente o respeito e a paz prevalecendo entre ambos os centros religiosos.

Abaixo, estão transcritas as entrevistas feitas no mesmo espaço (mesquita), sendo os entrevistados o Otavio, já mencionado previamente no parágrafo anterior, bem como seu colega e também divulgador da religião islâmica Cesar Kaab, respectivamente, as divulgações religiosas sendo realizadas com o uso de panfletos e informação de possíveis futuros frequentadores da mesquita acerca dos principais valores do Islamismo, estes e vários outros e outras informantes retirando toda e qualquer dúvida que venha à tona por parte do informado.

4.1 Entrevistas sobre a Islamofobia no Brasil e no mundo afora¹

Entrevista com Otavio Augusto Vieira dos Santos (Hamza): islamofobia e percepções individuais quanto a esta (entrevistadora principal: Fernanda Lima, com participação de Joyce Pita, orientadora)²

1. Você já sofreu islamofobia antes?

Aham.

2. Qual tipo você sofreu?

¹ Antes do início de ambas as entrevistas, deixamos claro que, caso não se sentissem confortáveis com alguma pergunta que fosse feita, não seriam obrigados ou pressionados a respondê-las, respeitando as opiniões, escolhas e sentimentos diante um assunto tão delicado para os praticantes: a islamofobia. No entanto, ambos decidiram, por livre e espontâneo arbítrio por parte de cada um deles, responder detalhadamente a todas as questões, assim, apenas uma pequena parte da entrevista com o Cesar sendo descartada na transcrição que se encontra logo abaixo.

² As perguntas que não foram numeradas são as que não foram planejadas previamente à entrevista, assim, sendo feitas no momento, de acordo com o relatado e respondido pelos entrevistados.

Os homens, acho que a gente enfrenta mais islamofobia se a gente sai caracterizado, então se a gente 'tá usando túnica³ e *taqiyah*⁴, enfim. É que eu tenho sempre, tenho um *bardot*⁵, não dá pra você tirar, mas é um momento em que enfrenta um pouquinho mais. E aí, a maioria das vezes, são, é..., brincadeiras relacionando com terroristas, e eles nunca acham que nós somos brasileiros..., né?

3. Ah, eles acham que é de fora?

É, sempre acham que é..., então, eles acham que a gente não 'tá..., não sabe o que estão falando, 'tendeu?

Sim, hmmm...

Eles amam..., geralmente eles amam um problema, que ó, eu sou da afronta mesmo, mas tipo delicado né, eu falo "E aí? 'Ou', e aí, tudo bem?" e vou lá, e vou falar 'pra ele "Olha, sou brasileiro, sou muçulmano, essa, a forma como você 'tá...vendo as coisas-..." "'Ou' cara, não, desculpa, que a mídia fala-..." "É, a mídia é isso mesmo, né?".

Risinho

Tal, a gente tenta... tranquilizar, mas sempre trazendo essa consciência. Agora, 'pras mulheres é mais difícil e, ainda mais se usar o hijab não vai, ela sempre 'tá, ela sempre é uma embaixada da, do Islam, sabe?

Humrum.

Ela sempre 'tá carregando a religião.

Sim, sim.

4. (Joyce) *Mas 'cê' acha que é mais difícil conseguir emprego e tal por causa disso?*

Ah, total, 'velho'. Minha esposa, ela é arquiteta. Eu falei com ela agora, ela 'tava indo numa, 'num, no CAU⁶ 'mano', curso de arquitetura. E aí, por exemplo, ela só consegue trabalho por indicação, sabe? Ela já chegou na entrevista de emprego e falaram "Não, beleza, a gente gostou do seu perfil e tal, mas teria como você não usar o véu?". Isso é muito ofensivo, né?

Hurum, com certeza.

"Não teria como você negar a sua religião, assim, de boas?"

Sim. *Risos*

"Por o meu, um mísero dinheiro?". Ah, não!

5. É...a mesquita já sofreu algum tipo de ataque?

Não.

Pessoas vieram aqui...?

Tem uma história, é..., no ano da Olimpíada', se não me engano. Aqui na mesquita, - depois eu tento achar os links também e depois envio 'pra vocês -, o Cesar, que é nosso..., ele não era muçulmano ainda. Ele..., recebeu..., um saudita. E esse saudita já não podia entrar em um monte de país da Europa, porque eles consideravam o discurso dele um discurso...radical. E aí ele veio 'pra cá 'pra,

³ Um tipo de vestimenta comum na população árabe, assemelhando-se a um 'vestido' alargado, podendo ser utilizado por ambos os gêneros, sendo destaque na moda masculina desse povo.

⁴ Gorro curto e arredondado usado por homens muçulmanos por conta da religião/cultura, assim como o *Kufi*, outro acessório de cabeça de aparência semelhante, usado pelos mesmos.

⁵ É mais uma das diversas vestimentas voltadas ao uso feminino, como o *chador* e o *hijab*, que visam cobrir todo o corpo da mulher - as mãos, pés e rosto sendo exceções - bem como suas curvaturas.

⁶ Sigla para "Conselho de Arquitetura e Urbanismo".

'pra São Paulo, 'para conhecer essa comunidade. E ele não entrou pela diplomacia. Então o que foi...o que configurou mais suspeita, né?

Aram.

O cara veio aqui, não fez nada demais, 'mano'. O cara veio aqui, conheceu a comunidade, enfim. E aí, a Veja e...essas mídias...inconsequentes...fizeram uma matéria, falando que aqui existia um grupo que 'corruptava' pessoas 'pro ISIS⁷, que é o Estado Islâmico⁵, Daesh⁵, né?

Humrum

Que de islâmico não tem nada. E aí colocaram ele como...esse 'corruptador', então existe...-

(Joyce) **Você já sabia? Quando eles, o receberam?**

Não, é... porque pra gente, não exist-, não existe esse discurso radical que eles, que a Europa falou.

(Joyce) **Uhum.**

A Europa considera, por exemplo o..., o..., *tsk*, o Fatah, que é um grupo de político na, na...na Palestina, como grupo... terrorista! Então são essas diferenças...

Ahn...

Entendeu? É que a-, é a forma como considera, nem a ONU considera. Os caras são um partido.

Mesma coisa de...

Anham.

De...na Europa, considerar o PT um grupo terrorista, entendeu? *tsk*

Hmm...

É..., enfim, então ele veio, e aí depois deu 'mó' problema porque a mídia atacou aí, atacaram a mesquita, picharam a mesquita e tudo mais - depois vou ver se encontro os, as coisas -. E aí foi uma reconstrução. Só que ao mesmo tempo que isso...foi ruim, porque foi uma violência que a gente sofreu, por outro lado divulgou muito a mesquita, entendeu? Muitas pessoas nem sabiam que tinha mesquita na região e-...

Humrum.

Começaram a vir, e virou essa realidade que vocês viram agora, que nunca foi diferente. É sempre isso, aqui. Mul- muçulmano é sempre isso, é-, é a mesma coisa: sexta-feira vem na mesquita, vai fazer uma oração, igual vocês viram, faz sermão⁸... No-, antes-, outros-, nos outros dias da semana, a mesquita fica aberta, alguém vem, reza...então não existe esse, essa conotação de radicalismo que eles tanto falam.

Sim.

6. É..., você acha que..., é..., o ataque das torres gêmeas, no dia 11 de setembro, ajudou, é..., assim, aumentou, a quantidade de islamofobia?

Total.

Hmm.

Eu acho que, eu não sei como que a galera que estuda isso a fundo, ãn..., os sociólogos, enfim, n-, não consideram isso, mas pra mim é um marco, assim. Existe um antes e depois da-, como as pessoas entendem o Islam do 11 de setembro, entendeu?

Humrum.

⁷ Para maior compreensão diante destes três sinônimos, veja-se IRSHAD, Faisal. ISIS, Estado Islâmico ou Daesh? Um grupo extremista, muitos nomes. **BBC News Brasil**, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42020312>. Acesso em: 16 set. 2023.

⁸ Uma espécie de palestra, em árabe, denominada *Hutba*, que ocorre de forma prévia a cada uma das cinco preces diárias, e se dá no interior da mesquita, em um local especializado para tal, bem como para as orações que sucedem o sermão.

Porque-, e é isso, é isso, eu, eu pesquisando algumas coisas..., a biblioteca do meu sogro é muito grande, com livros muito antigos. Então, quando eu peguei alguns livros... bem antigos, tipo, de 80 e 90, eles traziam sempre, uma..., eles tentaram sempre falar sobre a questão da mulher no Islam, porque eu acho que esse era o ponto que era mais difícil de se tratar no ocidente naquele período.

Hurum.

E depois..., a gente já começou a trabalhar contra a islamofobia, que 'tava mais relacionada a grupos de resistência, grupos terroristas, entendeu? Então, o marco de, de, de...2001, né?

Aham.

As torres gêmeas, que vocês não viram - ó o velho falando... -.

Risos

Risos

Mas aí, foi um marco..., sem dúvida, que... deixou muito pior, assim. Qualquer 'bagulho' é Bin Laden. Essa é a maior-, a maior forma de você en-, compreender, como que isso impactou, qualquer caractéri-, meu cunhado chama Ossama⁹, que é um nome comum 'pra..., o mundo árabe, entendeu?

Humrum.

Só que imagina aquele, um moleque, um..., Ossama⁷, Ossama⁷, Ossama⁷..., o pai do cara é um sheik¹⁰. Outra coisa, na mesquita em Minas Gerais, tinha uma porta, assim, na mesquita, assim..., imagina um jardim.

Hurum.

A mesquita era um jardim...interno, você entra, o jardim..., tem um jardim dentro da mesquita. Só que tinha uma porta 'pra..., daqui pra cá era jardim, área de convivência, e daqui pra lá era..., era mesquita mesmo, tapete. O Luciano tirou essa porta..., porque começou a ir...polícia federal, não sei o quê..., como aconteceu aqui. O..., o cara depois, que é o, que é o... diretor, ele foi perseguido e tudo mais - depois, se vocês quiserem, eu vou chamar ele, porque ele tá conversando com outros meninos lá; depois da oração eu vou falar pra ele passar aqui 'pra falar com vocês sobre...esse período, exatamente. Ele teve a experiência na pele, de ser perseguido, de ser preso, de não sei o quê..., entendeu? -.

Ele já era convertido antes do 11 de setembro?

...Não, acho que não.

Hum...

Acho que não.

7. Ah... Por que as mulheres sofrem mais islamofobia que os homens?

Eu acho que as mulheres sofrem mais islamofobia... do que os homens, por, ser gênero..., sempre.

Hurum.

Né? Que é... interseccional¹¹ a...,a questão de gênero...E, também, porque...elas, elas sempre

⁹ O primeiro resultado para a pesquisa de "Ossama", bem como de "Osama", em um dos navegadores mais utilizados são fotos, matérias, notícias, reportagens e definições quanto ao terrorista saudita bin Laden, que leva o mesmo primeiro nome de tantos muçulmanos, sendo que este significa "felino predador" na língua árabe; o resultado imediato referenciar a um terrorista justifica todo o preconceito sofrido pelos muitos muçulmanos que levam "Osama" ou "Ossama" como seu primeiro nome de batismo na cultura e/ou religião islâmica.

¹⁰ É a denominação, em árabe, de um líder, por vezes, familiar, sendo este título de alto prestígio e de altos eclesiásticos maometanos (seguidores de Maomé, fundador do Islam), bem como herdado de pai para filho dentro da mesma família, após a conclusão dos estudos e especialização nos ensinamentos islâmicos, isto é, do Islamismo.

¹¹ É a interação entre dois ou mais fatores que definem uma pessoa, sendo estes raça, gênero, classe social, orientação sexual, entre outros demais, podendo gerar relações de vantagens ou, como no caso, de desigualdades em relação às

avaliando-, as mulheres que usam *hijab*, estão sempre de *hijab*. Então, você fica mais marcado, mais característico, entendeu?

Sim.

‘Pro homem, às vezes o cara não vai falar, porque fala “Pô”, aquele cara ali..., pode não me entender bem.”. Às vezes, eu ‘tô’ num lugar com... vestimenta, eu vejo alguém me olhando muito, eu já, eu já...eu sonho aquilo, entendeu?

Humrum.

Eu já olho mais também. Porque eu sou orgulhoso da minha religião, eu sou orgulhoso da forma que eu me visto, do que eu vivo. Então, se o cara começa a olhar muito, se eu acho que ele tá com piadinha, aí você já vai olhar...”Pô’...”, entendeu? Já olha diferente...,então essas questões, dá uma segurada. A mulher, ela já é considerada “a mulher frágil”, ela já é considerada-, então, por isso a, é, a..., socialmente, as pessoas vão ter mais liberdade em fazer isso. Mesma coisa o corpo, né? Tipo...o corpo que é mais..., que é mais violado é o corpo da mulher.

Hurum, hurum...’tendi.

8. É, como você acha que a gente pode combater a islamofobia... no Brasil?

A...a... receita..., da nossa convicção, é a divulgação do Islam. Porque as pessoas não fazem isso conscientes... do que é a religião. Elas acham-, elas acham, por exemplo, que muçulmano não acredita em Jesus. São coisas muito básicas, assim, que o-, que a gente não, não...desconhece, sobre o Islam. A gente não conhece, a gente acha que na mesquita não pode entrar..., a gente acha que é um espaço super privativo..., ou que você tem que nascer sendo...Eles não entendem como-, e..., então, quando a gente divulga, quando a gente fala sobre “Olha, o Islam é uma religião aberta...; qualquer pessoa pode ir na mesquita...; é... esses são os pilares do Islam...”, essas coisas muito básicas, as pessoas quebram esse preconceito..., entendeu? Mas isso não significa que... inconscientemente, ele não permaneça, porque a gente tem muita gente que vai na onda...então... pega a onda, “Olha, eu tenho uma influência... muçulmana..., e eu gosto dela. Eu acho ela simpática, eu acho ela...”, então, ela tem essa visão. Mas, num outro comentário na, na rede social, ela vai dizer “Nós precisamos libertar as mulheres muçulmanas!”, tendeu? Isso é uma islamofobia também. É uma forma de você...compreender que a religião é violenta, que é ruim, que a gente precisa ser liberto dela.

Hurum. Tem muito essa ideia de que o... *hijab* aprisiona as mulheres, né?

É, tipo, “Ah, não, a mulher usa-, usa véu - não pode fazer mais nada.”. Isso é falta de informação! Se a gente...história, não vou nem falar de religião agora, história: primeira... universidade... fundada. Aí você pega a história do profeta: como eles era’ com as suas esposas, como ele tratava, pronto.

(falando com ...):

Você tem um minuto?

- Deixa só eu terminar...um segundo aqui.

Tá, então, depois a gente fala.

(retomando à entrevista):

Então, por esses motivos, é..., eu acho que...a maior forma de você combater a...islamofobia, é com esse trabalho de...que a gente chama de dawaah, que é de convite, de mostrar ‘pras pessoas essa outra parte. Só que isso cansa ‘pra caramba, você ter que ficar provando, tipo “Ah, eu tenho que provar que...”, “A mulher tem que provar...”. ‘Mano’, a minha esposa: eu falo desse assunto, chora

mulheres muçulmanas, sendo os fatores determinantes destas o gênero e, por vezes, a descendência de valores islâmicos e o local de origem das religiosas.

igual criança, 'man-'...Ela nasceu dentro duma mesquita, viveu a vida inteira, e ela vê a mesma coisa acontecendo, tipo, "Eu tenho que ficar provando essas coisas.". Os próprios homens muçulmanos, eles, eles são...é...também, atravessados por uma ideologia machista. Então, isso transparece e quebra um monte de coisa que não era pra ser. Aí, as outras mulheres, igual a gente tava- - a gente falou hoje, no sermão: como que o profeta tratava as mulheres? -. Então, (tratava as mulheres) tão bem, tinha tanto cuidado e tudo o mais. E tem cara que acha que, porque não pode-, que tem a separação de gênero, ele ignora a mulher, enfim. Até a desinformação é..., dentro do-, dentro dos próprios muçulmanos Então, sempre o trabalho de, de, de...combate a qualquer tipo de, de..., de preconceito, ele tem que partir da reeducação - da reeducação..., do convite, de...das pessoas entenderem, das pessoas estarem mais próximas... A gente faz um monte de trabalho, aqui, com a comunidade, 'pra eu tentar aproximar as pessoas. Hoje, é muito melhor a relação. A gente passou por isso, de ser perseguidos, dos vizinho' pichar, não sei o quê..., mas hoje, é muito tranquilo. Hoje, as mulheres daqui, da... que moram aqui no bairro, que são muçulmanas: ela vai no mercado, tranquila, ela conversa com as pessoas...porque quebrou o preconceito. 'Pra falar a mesma língua que eu, "Nossa, eu achava que você era de lá!". E não é, tipo, o menino é, é... do Capão, entendeu? *rj*

Hunrum.

E hoje vai, vai... aproximando. Isso a, a...informação, vai aproximar. Então, o dawaah vai aproximar? Vai aproximar.

Hurum.

Quando a gente vai pra rua, com essa, com esse... livrinho, a gente entrega 'pras pessoas e a gente fala "Isso aqui é só pra informação. Num..., num 'tô te cobrando nada! É só pra você se informar. Nós somos muçulmanos: a gente sofre preconceito, e uma forma que a gente tem de quebrar é falar pra você 'Olha, o Islam não é violento...o Islam não tem nada a ver com isso!'. Só 'pra isso, só 'pra você não sair por aí, falando que...a gente...tá, tá no mundo 'pra explodir as coisas", porque tem uma gente que acha que é pra isso, 'véi-', 'tendeu?

(Joyce)**Sim.**

E a..., principal forma de..., de conscientização é...espalhando o Alcorão...pelas ruas?

Também. Mas, na verdade, eu acho que não..., não necessariamente você...levar o-, o...Alcorão sagrado 'pras pessoas. Isso, sem dúvida, é o ápice do-..., da divulgação.

Hurum.

É você... entregar 'pras pessoas o que a gente tem de mais precioso, que é..., o, a...toda a nossa fé, toda a nossa convicção. Mas você..., não precisa, necessariamente, entregar... o Alcorão. Nós fala' "Ah, tal...disse hoje". O profeta falou "Fala uma, uma... linha sobre mim. Uma coisa, só, sobre mim" - "Olha, gente, o sorriso é uma qualidade". No Islam, a gente acredita que o sorriso é uma qualidade. 'Cês nunca me viram: um dia desse, a gente 'tá conversando, "Ah, você é muçulmano, legal!" "Não é, a..., na minha religião, o sorriso é uma qualidade!. Aí veio, 'mano', imagina você chega em casa e você liga a TV e tão falando que, os muçulmanos...são violentos, tal, você fala' "Nunca!". Isso que não é o Islam! Porque, 'pra eles - aquele rapaz, que eu conversei e tudo mais, ele disse: "O sorriso é uma qualidade.-. E outra forma de, de, de...vingar isso, além de livros e conversa, é conduta! Então, a forma que a...que eu lido com as pessoas, é sempre com esse cuidado: eu 'tô levando toda a minha..., toda a religião. Hoje em dia, tem um monte de preconceito, mas se as pessoas são violenta'? Se eu reajo mal?

Hunrum.

Tem um monte de situação! Tem gente que só quer...enfiar porrada, como qualquer ser humano! Não é? Tipo, 'man-', tem hora que você fala "Mano, num dá.". Né? Mas o que a gente faz? A gente

pensa...um milhão de vezes, e a gente fala “Pô cara, se eu fizer isso, não vai ser o Otavio que ‘tá batendo nesse cara. Vai ser um muçulmano.”.

Hurun.

Entendeu? E o muçulmano, daquela comunidade de, de...tal-...E aí, você vai trazer toda essa problemática.

Sim. Hum rum.

(Joyce)***Você acha que pessoas convertidas sofrem mais islamofobia do que as que não são, ou você acha que é indiferente?***

Boa pergunta, essa aí! Essa aí, eu nunca tinha pensado.

Risos

Risos

(Joyce)***É que tem toda essa questão de contexto familiar...***

Então, eu acho que, o, a... rede de apoio dos, dos nascidos muçulmanos é melhor. Então, você nasceu muçulmano? Seu pai e sua mãe ‘é’ muçulmanos..., seu irmão é muçulmano...Então, você tem uma rede de apoio melhor, ‘cê, ‘cê tá mais...abraçado. Agora, a gente tem um monte de caso, por exemplo, da pessoa que sofre islamofobia dentro de casa, que mora na nossa-, tipo, que vinha na mesquita e tudo, o irmão dela também começou a vir, o três muçulmanos, mas a família simplesmente não aceita, porque...por islamofobia. Eles... vêem a..., a televisão falando..., que o Islam é assim ou é ‘assado’, e eles falam “Nossa! Não quero isso!”. Quando eu me tornei muçulmano, meus pais se preocuparam. Mas eles se preocuparam por quê? Porque eles achavam que o Islam era aquilo... que a gente tava vendo na televisão. Aí foi todo-, e aí, o processo que eu fiz em casa - olha que legal, a gente tem a experiência, né? -, o processo que eu fiz em casa, foi de... educar, mesmo. Então, conforme eu ia estudando, eu ia falando com eles. Eu estudava, e falava com eles: “Ah, a religião acredita nisso, é assim..., é ‘assado’..., é assim, é ‘assado’.”. “Ah, mas, por que têm aquelas coisas lá?”. Então, aquilo é algo que é... fora da religião, a gente tem tantos milhões de muçulmanos no mundo, e só essa minoria que ‘tá fazendo esse tipo de merda, e não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê...Então, eu acredito que, por, pelas pessoas estarem...melhor, é...a rede de apoio delas serem maiores - no caso dos nascidos -, e você ter o conforto do lar, sua família fala Islam, conversa Islam, respira Islam, mais fácil...do que ‘pra um... muçulmano... que não tem isso. Por exemplo: eu..., minha família é muçulmana; sua família também é muçulmana; a gente tem negócios - a gente vai trabalhar junto ‘mano’. Então, você vai ter mais facilidade, entendeu?

Hunrum.

Agora, uma pessoa que..., que...se tornou muçulmana. Uma menina se tornou muçulmana..., ninguém na família era muçulmana - não tem ninguém, de rede de apoio. Se ele-, e se a família for...contra o Islam, então, piorou. Quando você tem um apoio, você vai embora, né? “Pô, minha mãe, meu pai, a gente não sabe que eu sou muçulmano, o que tem que fazer ‘pra uma mulher que usar-, usar o véu...”. O...na hora de rezar, vou, vou ver com meu pai. Meu pai tem cavalo. Aí, eu saio de cavalo com o meu pai, levo o meu tapetinho. A hora, que dá a hora de rezar, eu falo “Ô pai, eu preciso parar ‘pra rezar”, “A gente vai parar quando?”, “Ah, não, a gente vai chegar ali no..., na casa do amigo meu e tal..., chega lá ele...”, “Pô, meu filho, pode rezar aí, tal...”. ‘Mano’, é um...contexto completamente diferente, ninguém nunca viu! Eu ponho meu tapete e rezo...Porque eu tenho o apoio, entendeu?

Hurum.

Eu acho que fica mais fácil, por esse motivo. Agora, quando ‘cê num..., a família, assim..., então vamo’ voltar às, é, os convertidos...

(alguém pede licença para entrar na sala em que estava ocorrendo a entrevista):

Fica à vontade! Fica à vontade.

- Com licença, viu?!

(retomando à entrevista):

Os, os, os...os muçulmanos revertidos¹², eles têm...maior-, acho que sofrem mais...islamofobia, do que os...nascidos. Mas só por causa da rede de apoio.

Hunrum, 'tendi.

(Joyce) **Mais alguma** (pergunta), **meninas?** (se referindo às alunas responsáveis por esse projeto)

Acho que não. Acho que foram todas.

Entrevista com César Kaab (Divulgador do islam): islamofobia e percepções individuais quanto a esta (entrevistadora principal: Fernanda Lima, com participação de Joyce Pita, orientadora)

1. Você já sofreu de islamofobia?

Já, desde quando eu me tornei mulçumano

2. Quais tipos de agressões você já sofreu?

Fui preso, fui difamado, de forma nacional e internacionalmente, por eu ser uma pessoa pública eu acabei passando por esse tipo de situação. Eu venho da cultura de rua do Hip Hop desde os anos 80, fui um dos precursores da cultura de rua, comecei como dançarino depois me tornei MC, depois escritor, e acabei conhecendo o islã através do livro de macovex nos anos 90, e isso mudou a minha vida. Eu vim me tornar a mulçumano nos meados de 1998, quando eu fundei a primeira biblioteca no país dentro de uma favela chamada zumaluma que significa Zumbi, Mandela, Luther King, Malcom X, essa biblioteca tinha um cunho muito social, e com essa biblioteca eu criei um diferencial, e a ideia de ter criado essa biblioteca dentro de uma favela era algo muito extremo para própria comunidade, então o pré-conceito com isso já vinha desde lá, porque zumaluma soava para a própria comunidade a questão de religião de matriz africana, e aí diziam que seria um centro de macumba. Com isso eu conheci o islã, me tornei mulçumano em 2008. Depois disso eu continuei estudando, e o islã entrou na minha vida, como eu disse eu criei um grupo de Hip Hop chamado Jihad Brasil, eu tinha o Jihad como uma coisa que é a luta de você contra você mesma, e eu trabalhei isso em mim, e a partir de, eu por ser uma pessoa pública, as pessoas do próprio Hip Hop começaram a falar do islã e queriam conhecer o islã, e com isso as pessoas começaram a se tornar muçulmanas e isso chamou um pouco a atenção da mídia, e saíram várias entrevistas de como as pessoas se tornaram muçulmanas. Em 2014 eu fui para a Arábia Saudita, fiz o hajj, que é um dos caminhos do islã, e quando eu voltei, eu voltei com um pensamento diferente. Em 2015 veio um sheik da Arábia Saudita conhecido mundialmente me conhecer pelo trabalho desenvolvido por mim com a comunidade, porém ele não passou pelo uol governatório e descobriram que ele estava aqui e ele era proibido de entrar em 522 países por ser acusado de ser um homem aliciador de jogos do estado islamico, só que era tudo pré-conceito, e ele era um cara que saía justamente desmistificar isso, e me escolheu pra ser um cara que trabalhasse isso, e meu combinado com ele foi que ele construísse uma mesquita e uma creche dentro da minha favela e foi isso que ficou. No dia seguinte meu celular não parava de tocar e quando eu fui ver eu era a pessoa mais famosa do Facebook sendo acusado de aliciador de jovens, que eu tinha matado jovens, enfim. No outro dia de manhã a polícia federal

¹² Apresenta o mesmo significado que, no caso, "muçulmanos convertidos", agindo como sinônimo da segunda palavra.

apareceu na minha porta e me levaram preso. Depois disso comecei a ser perseguido por conta das fake news, e eu tive que passar por muitas dificuldades depois de tudo isso.

3. Você acredita que o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 afetou os índices de islamofobia no mundo?

Sim, passamos por muitas dificuldades por conta de 11 de setembro, a perseguição triplicou.

5. Fundamentação teórica

Para a dissertação do tema é de suma importância conceituar que a xenofobia é uma forma de preconceito e discriminação contra pessoas de origens étnicas e culturais diferentes. No Brasil, os muçulmanos têm sido cada vez mais alvo de manifestações de xenofobia em decorrência de visões estereotipadas e generalizadas sobre o Islamismo.

A proliferação do terrorismo e os atos de violência ocorridos em vários países, com frequência são erroneamente atribuídos a todos os muçulmanos como se fossem terroristas. Essa generalização é resultado do desconhecimento e da vinculação midiática distorcida sobre a religião e cultura islâmicas.

Além disso, alguns movimentos conservadores políticos e religiosos ganharam força no Brasil e usam a xenofobia como estratégia política, atribuindo ao Islã a responsabilidade por problemas sociais como violência, drogas e corrupção. Tal discurso se torna perigoso, pois parte da população que compartilha dessa visão, passa a atacar de forma violenta os imigrantes muçulmanos.

Dentre as vítimas mais recorrentes da intolerância religiosa referente ao Islamismo, estão os muçulmanos moradores do Rio de Janeiro. Ana Cláudia Mascarenhas, aeromoça, relata, em uma entrevista realizada na Mesquita da Luz, o seguinte caso de agressão (Fernando Frazão/Agência Brasil): “Fui fazer exame médico e notei que uma pessoa me seguia. Ele parou atrás de mim, começou a me xingar e a dizer que odiava terroristas. Fiquei quieta, pois não sou terrorista. Quando o sinal abriu, ele me puxou pelo braço, repetiu que odiava terrorista e me deu um soco no rosto. Saí correndo como louca, sem olhar para trás. Se às 7h, com toda aquela gente na rua, ele fez isso, não gosto de imaginar o que faria se eu reagisse ou respondesse”, afirmou Ana Cláudia.

Além disso, os muçulmanos são frequentemente objetos de estereótipos midiáticos, que retratam de forma caricata comportamentos e tradições que não necessariamente representam toda a comunidade muçulmana. Isso gera a criação de uma imagem negativa e distorcida dos muçulmanos, contribuindo para o aumento da xenofobia.

A educação para a tolerância e o respeito à diversidade cultural e religiosa são fundamentais para combater a xenofobia e todas as formas de discriminação e preconceito.

Criada e instituída em 1989, a Lei 7.716 visa proteger os religiosos de todas as crenças, e prever a prisão para todos os infratores da mesma que utilizarem o preconceito e todo e qualquer tipo de agressão contra a religião de uma pessoa, este caso se enquadrando como intolerância religiosa e sendo considerado crime. Entretanto, o assessor da área de comunicação da Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro (SBMRJ), Fernando Celino, destaca a ausência de treinamento para reconhecimento deste crime contra as crenças alheias para a maioria dos policiais excedores de suas profissões.

A escolha desse artigo mostrou para nós um conhecimento sobre a xenofobia contra os muçulmanos no Rio de Janeiro, citando fatos e acontecimentos que houveram no Brasil, demonstrando como os muçulmanos são usados como objetos de estereótipos midiáticos e como sofrem esse tipo de preconceito, normalmente por conta dos hijabs (vestimenta usada pelas

mulheres muçulmanas) e pela aparência ou qualquer tipo de roupa usada por eles pela cultura que eles praticam.

Observaremos também algumas vítimas de islamofobia e o seu depoimento sobre o ato que sofreram, com o objetivo de observar a opinião sobre o assunto e sobre sua experiência. Também nos embasaremos na lei que defende e protege fiéis de todas as crenças, que tem importância de conscientizar a todos que devemos dar o devido respeito a qualquer tipo de pessoa que cultua alguma crença diferente da nossa e que esse tipo de preconceito é considerado crime por intolerância religiosa.

Presentes, da esquerda para a direita: Luiza, Isabel, Fernanda, Joyce e Otavio. Imagem tirada pelo César, no interior da mesquita.

Presentes da esquerda para a direita: Fernanda, César, Otávio, Isabel e, ao centro. Luiza. Imagem retirada pela Joyce, na sala em que foram realizadas ambas as entrevistas, bem como uma aula dada pelo Otávio quanto aos pilares, ensinamentos e valores da religião.



6. Resultados

Confirmando a nossa hipótese, o 11 de setembro influenciou na islamofobia, aumentando as taxas de preconceito contra os religiosos, que sofrem por conta de ataques terroristas e casos históricos isolados. As mulheres acabam sofrendo mais por conta da caracterização frequente e por conta das questões interseccionais de gênero. Outras questões que acarretam a islamofobia são as notícias disseminadas pela televisão e mídias sociais, anunciando tragédias causadas por parte desta população, e acarretando na ideologia de que todos os muçulmanos são terroristas, homens-bomba e violentos no geral.

7. Conclusão

Podemos combater a islamofobia através da conscientização sem pressionamento para se juntar à religião islâmica (dallah), bem como o discernimento entre casos isolados e conceitos defendidos pela religião, apresentação dos pilares, quebra das expectativas e visões/conhecimentos generalizantes e preconceituosos acerca da religião. Também concluímos que, como forma de combate, seria de grande importância a proposta de mais campanhas para conscientização da

população quanto ao Islamismo, com a quebra de paradigmas e a representação pacífica, amorosa e de recepção inclusiva, bem como de aproximação, por parte dos religiosos (muçulmanos).

8. Discussão final

Como discussão final em relação ao trabalho entre o grupo, tivemos algumas críticas a serem feitas, uma delas sendo a ausência do compartilhamento do questionário relacionado às percepções individuais em relação a islamofobia no Brasil e no mundo. Destacamos também a importância da entrevista com especialistas da religião, como forma de maior compreensão acerca da religião. O ataque em 11 de setembro nos proporcionou estruturação da nossa hipótese, bem como uma das perguntas incluídas na entrevista realizada na mesquita, bem como uma das principais justificativas para a intensificação dos preconceitos e ataques aos muçulmanos.

9. Bibliografia

BARBOSA, Francirosy Campos. Relatório de Islamofobia no Brasil. **Ambigrama**, 2022. Disponível em: https://www.ambigrama.com.br/_files/ugd/ffe057_6fb8d4497c4748f8961c92a546c5b3fc.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

CHAVES, Luana Hordones. A ONU EM FACE DO RELATIVISMO CULTURAL: O caso dos Direitos Humanos no mundo muçulmano. **SciELO**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7dxnhTYxMskypKpS6FcW98L/?lang=pt#>. Acesso em: 20 maio 2023.

LOURENÇO, Tainá. Pesquisa quer saber se existe islamofobia no Brasil. **Jornal USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/pesquisa-quer-saber-se-existe-islamofobia-no-brasil/#:~:text=Pesquisa%20sobre%20islamofobia%20no%20Brasil%20A%20professora%20e,e%20viol%C3%Aancia%20a%20mu%C3%A7ulmanos%20e%20mu%C3%A7ulmanas%20no%20Brasil..> Acesso em: 20 maio 2023.

MARCHIORE, Brenda; DA SILVA, Gustavo Roberto. Pesquisadores da USP lançam o primeiro relatório sobre islamofobia no Brasil. **Jornal USP**, 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/pesquisadores-da-usp-lancam-o-primeiro-relatorio-sobre-islamofobia-no-brasil/>. Acesso em: 13 maio 2023.

MORI, Letícia . Islamofobia: o que oprime muçulmanas no Brasil não é o lenço, diz pesquisadora da USP. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58325595c>. Acesso em: 11 out. 2023.

MUNANGA, Kabengele. O mundo e a diversidade: questões em debate. **SciELO**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7dxnhTYxMskypKpS6FcW98L/?lang=pt#>. Acesso em: 20 maio 2023.

LOURENÇO, Tainá. Pesquisa quer saber se existe islamofobia no Brasil. **Jornal USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/pesquisa-quer-saber-se-existe-islamofobia-no-brasil/#:~:text=Pesqui>

sa%20sobre%20islamofobia%20no%20Brasil%20A%20professora%20e,e%20viol%C3%Aancia%20a%20mu%C3%A7ulmanos%20e%20mu%C3%A7ulmanas%20no%20Brasil.. Acesso em: 20 maio 2023.

RIBEIRO, Débora . Xenofobia _ Dicio, Dicionário Online de Português. **Dicio**, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/xenofobia/#:~:text=Significado%20de%20Xenofobia,se%20vive%20ou%20habita%3B%20hostilidade..> Acesso em: 11 out. 2023.

SILVA, Daniel Neves. "Islamismo"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/islamismo.htm>. Acesso em 11 de outubro de 2023.

VILELLA, Flávia. Muçulmanos estão entre as principais vítimas de intolerância religiosa no Rio. **Jornal USP**, 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/mulcumanos-estao-entre-principais-vitimas-de-intolerancia-religiosa>. Acesso em: 27 maio 2023.